



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
LINHA DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO

**NARRATIVAS EDUCACIONAIS DE PROSTITUTAS DO CENTRO DE
FORTALEZA – CE**

VERÔNICA GOMES DOS SANTOS

FORTALEZA

2016

VERÔNICA GOMES DOS SANTOS

NARRATIVAS EDUCACIONAIS DE PROSTITUTAS DO CENTRO DE
FORTALEZA – CE

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Doutora em Educação. Área de concentração: História e Memória da Educação. Orientador: Prof. Dr. Rui Martinho Rodrigues.

FORTALEZA

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S239n Santos, Verônica Gomes dos.
Narrativas Educacionais de Prostitutas do Centro de Fortaleza – CE / Verônica Gomes dos Santos. – 2016.
69 f. : il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2016.
Orientação: Prof. Dr. Rui Martinho Rodrigues. .
1. Prostituição. 2. Educação. 3. Memória. I. Título.

CDD 370

VERÔNICA GOMES DOS SANTOS

**NARRATIVAS EDUCACIONAIS DE PROSTITUTAS DO CENTRO DE
FORTALEZA – CE**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Doutora em Educação. Área de concentração: História e Memória da Educação.

Aprovada em: __/__/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rui Martinho Rodrigues (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. José Rogério Santana
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Antônio Roberto Xavier
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira (UNILAB)

Profa. Dra. Gildênia Moura de Araújo Almeida
Secretaria da Educação do Ceará (SEDUC)

À minha mãe, D. Naza.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus irmãos, Adriana e Júnior, por caminharem ao meu lado, desde os primeiros passos.

Aos meus sobrinhos amados, Lucas, Gabriel e Guilherme, que por existirem me transmitem força para ir além.

À minha tia Edileusa, pelo incentivo e pela força demonstrada diante dos obstáculos que a vida nos apresenta.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Rui Martinho Rodrigues, pela oportunidade, paciência e apoio.

Ao Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos, pelo encorajamento, por ter acreditado em mim e pelos momentos partilhados.

Imensa gratidão às garotas de programa, grandes inspiradoras, sem as quais a realização deste trabalho não seria possível.

Aos funcionários das casas de prazer pela receptividade, confiança e contribuição na coleta de dados.

Aos clientes, com os quais pude coletar mais informações para o trabalho e para a vida.

Aos professores Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior, Inar de Sousa, José Rogério Santana, Antônio Roberto Xavier, que participaram das bancas de qualificação, contribuindo para o aprimoramento do trabalho.

À Capes pelo apoio financeiro.

Aos meus companheiros da Pós-Graduação em Educação Brasileira, pelos conhecimentos compartilhados.

Aos professores da linha de História e Memória (NHIME), pelos ensinamentos.

À minha amiga Ana Maria Gomes, pela leveza e pelo companheirismo.

Aos meus colegas de trabalho, particularmente Ronielle Azevedo, Edilânia, George Macedo e Ana Paula Maciel, professores da Prefeitura Municipal de Maracanaú, pelo incentivo e pelas angústias divididas.

Ao Marcelo Sabóia, pela amizade e por ter aceitado se aventurar em uma das visitas.

À equipe de dança de salão de Fortaleza, sempre me proporcionando alegria nos momentos de tensão.

E a tantos outros que contribuíram direta ou indiretamente!

“A igreja misturou muito o sexo com o amor. Sexo é da vida. Amor é egoísta, é do indivíduo. O mundo não é feito de vítimas. Todo mundo negocia. Alguns negociam bem, outros mal. Mas cada um sabe, o mínimo que seja, quanto vale aquilo que quer. E sabe até onde vai para conseguir o que quer. Com a prostituta não é diferente” (LEITE, 2009).

RESUMO

Esse estudo tem o objetivo de compreender a escolaridade e a trajetória profissional de prostitutas que atuam no Centro da cidade de Fortaleza, bairro onde a prostituição é intensa. Nos seis locais investigados identifica-se o baixo meretrício. A prostituição pode ser definida como a troca consciente de favores sexuais por interesses não sentimentais ou afetivos. Esses interesses podem ser dos mais diversos, porém o mais habitual é o dinheiro. É uma atividade carregada de estigma ao mesmo tempo em que incita curiosidade. O fato é que essa atividade é muito antiga. Vista como um mal necessário por alguns, não poderia ser erradicada, assim a prostituição faz-se presente na sociedade, embora não se possa garantir que ela sempre existirá. Para se prostituir não é exigido um grau de escolaridade mínimo, dessa forma se torna mais fácil o acesso ao trabalho na “zona”. Acreditava-se que prostitutas tinham pouca instrução, atualmente observa-se muitas universitárias nesse meio e até graduadas, especialmente na prostituição de luxo. Algumas se prostituem para poderem pagar os estudos. Considerando que escola é vista como uma estrutura segura, formadora de cidadãos e passaporte para um “futuro melhor”, defende-se nesse sentido que ela é capaz de transformar a sociedade. O espaço entre a escola e a prostituição é o foco desse trabalho. Na metodologia, foram utilizados como procedimentos etnográficos, narrativas das prostitutas sobre suas experiências escolares e profissionais através de entrevistas semiestruturadas, abertas, além do diário de campo. As prostitutas que participaram desse estudo estão na atividade há pelo menos 03 anos e têm entre 20 e 38 anos. A atividade de prostituição apresenta-se como uma opção para ganhar dinheiro rápido. Elas entraram na zona por esse fator. Embora não pretendessem ficar por muito tempo, ainda continuam e afirmam que querem abandonar o meretrício. Para elas ainda é a opção mais rentável além da flexibilidade de horários e ganhos imediatos. São pessoas que encontraram na prostituição uma alternativa para sustentar a si e suas famílias. Marcadas pela atividade que exercem, lutam diariamente e sonham com melhores condições de vida.

Palavras-chave: Prostituição – Educação – Memória

ABSTRACT

This study aims to understand the educational and professional trajectory of prostitutes who work in the center of the city of Fortaleza, district where prostitution is intense. In the six areas surveyed identified the low meretricious. Prostitution can be defined as the conscious exchange of sexual favors for not sentimental or emotional interests. These interests may be the most diverse, but the most common is money. It is a loaded activity stigma while urging curiosity. The fact is that this activity is very old. Seen as a necessary evil by some, it could not be eradicated, and prostitution is present in society, although it cannot guarantee that it will always exist. Whoring is not required a minimum level of education thus becomes easier access to work in the "zone". It was believed that prostitutes had little education, currently observed many university in between and even graduates, especially in the luxury prostitution. Some prostitute themselves in order to pay for the studies. Whereas school is seen as a safe structure, forming citizens and passport for a "better future", it is argued in this sense that it is able to transform society. The space between the school and prostitution is the focus of this work. In the methodology, it was used as ethnographic procedures, prostitutes narratives about their school experiences and professionals through semi-structured, open interviews, in addition to the field diary. Prostitutes who participated in this study are in business for at least 03 years and have between 20 and 38 years. Prostitution activity is presented as an option to earn quick money. They entered the zone by this factor. Although they did not intend to stay long, and yet still say they want to leave the meretricious. For them it is still the most cost effective option and the flexibility of schedules and immediate gains. These are people who found in prostitution an alternative to support themselves and their families. Marked by the activity they carry out, they fight every day and dream of better living conditions.

Keywords: Prostitution - Education – Memory

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo comprender la trayectoria educativa y profesional de las prostitutas que trabajan en el centro de la ciudad de Fortaleza, en el distrito donde la prostitución es intensa. En las seis regiones investigadas identificado la baja prostituida. La prostitución se puede definir como el intercambio consciente de favores sexuales por intereses no sentimentales o emocionales. Estos intereses pueden ser las más diversas, pero la más común es el dinero. Es una actividad cargada estigma tiempo que insta a la curiosidad. El hecho es que esta actividad es muy antigua. Visto como un mal necesario por algunos, que no pudo ser erradicada, y la prostitución está presente en la sociedad, a pesar de que no puede garantizar que siempre existirá. Whoring no se requiere un grado mínimo de educación se convierte así en un acceso más fácil a trabajar en la "zona". Se creía que las prostitutas tenían poca educación, actualmente observaron muchos graduados en la universidad entre e incluso, sobre todo en la prostitución de lujo. Algunos se prostituyen con el fin de pagar por los estudios. Mientras que la escuela es vista como una estructura segura, la formación de ciudadanos y pasaporte para un "futuro mejor", se argumenta en este sentido de que es capaz de transformar la sociedad. El espacio entre la escuela y la prostitución es el foco de este trabajo. En la metodología, que fue utilizado como procedimientos etnográficos, prostitutas relatos sobre sus experiencias escolares y profesionales a través de entrevistas semiestructuradas y abiertas, además del diario de campo. Las prostitutas que participaron en este estudio se encuentran en el negocio durante al menos 03 años y tienen entre 20 y 38 años. la actividad de la prostitución se presenta como una opción para ganar dinero rápido. Entraron en la zona por este factor. A pesar de que no tenían la intención de permanecer mucho tiempo, y aún así dicen que quieren dejar el prostituida. Para ellos sigue siendo la opción más rentable y la flexibilidad de horarios y ganancias inmediatas. Estas son personas que se encuentran en la prostitución una alternativa para mantenerse a sí mismos y sus familias. Marcado por la actividad que desarrollan, luchan todos los días y el sueño de mejores condiciones de vida.

Palabras clave: Prostitución - Educación - Memoria

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 : Entrada da boate Espaço Show Bar	38
Figura 2: Entrada e Letreiro do Cine Janga.....	39
Figura 3: Majestick Cine Club.....	40
Figura 4: Letreiro e ambiente interno da Boate Gata Garota Show.....	41
Figura 5: Letreiro do Skalla Drink's Show	41
Figura 6: Fachada da Boate Stripper 80.....	42
Figura 7: Garota de Programa	52
Figura 8: Garota de Programa	55
Figura 9: Garota de Programa	58
Figura 10: Garota de Programa	60

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 : Faixa etária das entrevistadas.....	47
Gráfico 2: Número de filhos das entrevistadas.....	48
Gráfico 3: Raça/cor.....	48
Gráfico 4: Tempo de serviço como profissional do sexo.....	49
Gráfico 5: Escolaridade das prostitutas.....	50

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
1.1. Dos motivos que tive	17
1.2. Objetivos	22
1.3. Procedimentos Metodológicos	22
2. A MULHER DA VIDA: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS	26
2.1. O conceito de prostituição.....	29
2.2. O baixo e o alto meretrício.....	30
2.3. O estigma	31
2.4. Prostituição: profissão?.....	33
2.5. A função social da Escola	36
3. A ROTA DO PRAZER: DESBRAVANDO A “ZONA” NO CENTRO DA CAPITAL CEARENSE	37
3.1. Espaços de prazer	43
3.2. (Re) descobertas pelo caminho.....	44
4. QUEM SÃO ELAS?	47
5. ESCOLARIDADE DAS PROSTITUTAS	49
6. MUITO PRAZER! : CONHECENDO AS PROTAGONISTAS.....	51
6.1. Anne.....	52
6.2. Letícia	55
6.3. Jully	58
6.4. Betina.....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO	68
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS APLICADAS	69

1. INTRODUÇÃO

O universo da prostituição é curioso, complexo e provocador. Muitos têm algo a dizer sobre o tema e as opiniões são bastante divergentes.

Para Barros (2006), podem-se encontrar quatro grupos nesse contexto: (1) os que condenam esta prática; (2) os que toleram e aproveitam, mas a criticam; (3) aqueles que a aceitam no intuito de explorar rendas e benefícios e (4) os que defendem a prática e sustentam a possibilidade de sua regulamentação.

Adler (1982), sobre as garotas de programa, pontua que “ela não nasce prostituta, ela se torna uma. É uma profissão e não um estado. (...) a prostituta é uma insubmissa (...). O inverso de uma feminilidade ajuizada e maternal, elas provocam atração e repulsão”.

Como reflexo da sociedade patriarcal brasileira, as mulheres ainda são bastante reprimidas. Quando essas mulheres lidam de maneira aberta com a sexualidade, essa repressão passa a ser maior, o sexo desenfreado passa ser condenado. Ademais, a moral cristã ainda está arraigada em nossa sociedade.

A produção de discursos sobre a prostituição visa à proteção de uma sexualidade definida como lícita contra uma outra, ilícita, tendo como objetivo disciplinar as relações sexuais. As igrejas (...) buscando dar prioridade ao sexo unicamente para a reprodução humana (SOUSA, 1998, p.36).

Trata-se do controle, da repressão sexual, embora na atualidade essa repressão não seja tão extrema, já que a sexualidade feminina não está ligada apenas à procriação, mas também ao prazer.

A repressão sexual pode ser considerada como um conjunto de interdições, permissões, normas, valores, regras estabelecidos histórica e culturalmente para controlar o exercício da sexualidade, pois, como inúmeras expressões sugerem, o sexo é encarado por diferentes sociedades (e particularmente pela nossa) como uma torrente impetuosa e cheia de perigos (...) (CHAUÍ, 1988, p.9).

De acordo com CHAUÍ (1988), estudos acerca da repressão sexual não são tão antigos quanto a prática, assim como o surgimento da palavra sexualidade. A partir daí o termo sexo passa a ter um sentido mais amplo.

Os estudiosos passaram a distinguir e diferenciar entre necessidade (física, biológica), prazer (físico, psíquico) e desejo (imaginação, simbolização) (p.11).

“As prostitutas eram e são mulheres interessantes – foram as primeiras a dizer “Não” ao domínio patriarcal” (ROBERTS, 1998, p.17). Mostrando-se fortes e buscando independência.

Para manter as aparências em uma sociedade cínica, a prostituta serviu muito bem aos interesses dos machos e das donzelas que não queriam perder a honra, a moral, a castidade e o pudor "existente" no seio familiar (BARROS, 2005, p.7)

Aspectos políticos, morais e religiosos que se arrastam há séculos contribuem para a condição na qual a prostituta é percebida nos dias atuais.

Associada à *vadiagem*, *mendicância* e *alcoolismo*, a prostituição é situada, nos textos legais que vigora durante o período colonial, no âmbito da desordem moral e social. O Código Criminal de 1830 não traz referências explícitas à prostituição, embora já possamos constatar aí a diferenciação, em termos legais, entre *mulher honesta* e *prostituta*. A repressão à prostituta é assegurada na medida em que são arrolados como “crimes policiais”, entre outros, as “ofensas à moral e aos bons costumes” (ENGELS, 1989, p.30)

Nesse cenário a prática do amor venal se concretiza.

1.1. Dos motivos que tive

O interesse pelo tema surgiu desde 2007, em um fim de tarde no qual apreciava a bela paisagem de Praia do Futuro, sentada em uma poltrona de alguma linha de ônibus circulante em Fortaleza. Presenciei uma conversa entre garotas e pude identificar pelo assunto que elas faziam programa. Estavam em busca de um local para trabalhar. Elas já eram experientes, mas não soube de imediato. Falavam de seus filhos e que precisavam do emprego para criá-los. Isso me motivou a realizar uma pesquisa com o foco na educação de crianças que são filhos de prostitutas e escrevi a dissertação.

Sem pedir, entrei na conversa e elas foram bastante simpáticas e diretas. De imediato peguei o contato delas. Aí começava minha relação com o mundo da prostituição. Há nove anos!

Eu nunca tinha visitado um cine pornô e nem pensei que teria coragem e oportunidade, pois interesse sempre tive. Após algumas ligações, marcamos de nos encontrar e fui conhecer o local de trabalho dessas garotas.

Tudo era novo para mim. Me diverti com algumas situações, me assustei com outras. Encontrei pessoas conhecidas, para as quais me dedicava em explicar os motivos que me levaram ali e me parecia que elas não entendiam muito bem, ou não acreditavam. As próprias garotas achavam que eu estava interessada no emprego e até me incentivaram e se propuseram a me ensinar a dançar, mas a fazer programa não, porque isso se aprende na prática. Não tem aulas particulares que ensinem como fazer.

Depois de um tempo elas se acostumaram. Eu também. Passei por cines, boates, e ruas. Conheci vários espaços e pude fazer a triagem dos quais eu me interessava. De início os quesitos segurança e acessibilidade foram os principais.

As duas garotas com quem mantive os primeiros contatos foram me apresentando a outras, que me apresentariam a outras mais e assim minha rede de contatos aumentava.

Com o projeto finalizado, iniciei a pesquisa. Ao realizar todas as etapas, concluí o mestrado.

Após o término do referido trabalho, percebi que minha curiosidade pelo assunto ainda persistia, dessa vez estava atraída pela vida escolar e profissional das próprias garotas, as prostitutas do baixo meretrício.

Onde essas meninas estudaram? O que estudaram? Que lembranças escolares elas carregam? Quais as práticas educativas vivenciadas na prostituição?

Muito ainda permanece reprimido e proibido a respeito do tema prostituição. Para que falar nisso? Para que contar a história dessas mulheres que, por definição, como disseram alguns, não tinham história? (ADLER, p.201)

Mesmo que atores do universo da prostituição demonstrem receio em revelar suas histórias, resolvi realizar o trabalho, sabendo dos desafios que já havia vivenciado na pesquisa de mestrado.

É possível que ao conhecer um pouco mais desse amplo espaço de mercantilização do sexo, haja uma contribuição para diminuir o estigma sofrido por essa categoria e quebrar muitos paradigmas presentes na sociedade atual, além de verificar a situação de escolarização e profissional desse grupo e registrar histórias de vida.

Uma certa produção intelectual, possuindo algumas vertentes com características acadêmicas, muito tem falado sobre a prostituição, mas pouco apresentou acerca das práticas e discussões próprias das prostitutas. (MORAES, 1995)

Os primeiros registros sobre a história das prostitutas foram feitos por homens. Eles eram chefes de polícia, médicos, higienistas e juristas. Rago (1991) considera que “construir masculinamente a identidade da prostituta significou silenciá-la e estigmatizá-la e, ao mesmo tempo, defender-se contra o desconhecido – a sexualidade feminina -, recoberta por imagens e metáforas assustadoras (p.21)”. A autora destaca que

A expansão do comércio do prazer e a sofisticação crescente do mundo da prostituição provocaram reações moralistas entre setores diversificados da população (...) médicos, juristas e criminologistas tentaram unificar seus esforços no sentido de definir a melhor forma de intervenção dos poderes públicos na organização do mundo do prazer, o que, na verdade, quase nunca deu bons resultados. (RAGO, 1991, p. 107)

Segundo Roberts (1998) o preconceito sofrido pela classe que se prostitui tem suas raízes no desenvolvimento histórico do patriarcado e esse estigma é uma forma de opressão.

O silêncio precisa ser quebrado. As prostitutas têm muito a contar. Será que a palavra dessas mulheres não seria digna de credibilidade ou de importância? Será que o único “valor” das mulheres prostituídas é o preço combinado com o cliente?

(...) visões negativas sobre o universo da prostituição que fazem parte de discursos do senso comum acabam, algumas vezes, sendo reproduzidas pelos estudiosos do fenômeno, prevalecendo na bibliografia sobre o assunto visões e perspectivas relativas as “desvio”, ao “patológico” ou mesmo ao “exótico”. (FÁBREGAS, 2000, p. 9)

Para Rago (1991), “somos levados a pensar que ‘as mulheres públicas’ nunca foram importantes para a sociedade, a não ser na função de garantir a ordem na desordem das paixões, sem muita publicidade” (p.22).

Percebe-se que mulheres, independente da classe social e do nível de escolaridade, entram na prostituição. O acesso ao meio é fácil, todavia os percalços fazem parte do cotidiano de uma prostituta. Sousa (2000) declara que “a questão é tão espinhosa que as tentativas para defini-las serão múltiplas e algumas vezes, contraditórias”.

Por quais motivos uma mulher decide entrar e permanecer no mundo da prostituição?

Expondo algumas declarações, pode-se perceber a complexidade assim como a singularidade.

“Com 15 anos de idade eu fugia da aula pra fazer programa. A cafetina me escondia no bar. Os trabalhos que surgiam não eram suficientes. Eu não tinha muita instrução. Trabalho em casa de família acabava sofrendo muito assédio.” Anne, 38 anos.

“Você estudou em bons colégios, não tinha razão para fazer o que fez.” Diretora do colégio onde estudava Bruna Surfistinha.

Bruna Surfistinha é o nome artístico de Raquel Pacheco, nascida em 31 de outubro de 1984. Filha adotiva, de uma família de classe média alta da cidade de São Paulo, aos 5 anos aprendeu a ler sozinha. “Foi o único orgulho que dei a meus pais”, conta.

Aos 17 anos começou a se prostituir. Conquistou fama nacional em 2003 ao escrever em um blog suas experiências sexuais com os clientes. Autora das obras: O doce veneno do escorpião (2005), O que aprendi com Bruna Surfistinha (2006) e Na cama com Bruna Surfistinha (2007). Em 2011 foi lançado um filme baseado na sua autobiografia.

Gabriela Leite¹, ex-presidente da Rede Brasileira de Prostitutas, iniciou o curso de Sociologia na USP, mas largou os estudos para trabalhar no mercado do sexo, no final dos anos 60.

Nasceu em 22 de abril de 1951, na cidade de São Paulo. De classe média, atuou no baixo meretrício nas cidades de São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

Tornou uma grande ativista pelos direitos das prostitutas no Brasil.

Em seu blog, fez declarações marcantes como: “Eu gosto muito de ser avó. Mas também gosto muito de ser puta.” “Sexo sempre foi prioridade na minha vida”. Gabriela é a autora do livro “Filha, mãe, avó e puta” (2009).

Em abril de 2013, uma graduada em Letras pela Universidade Federal de São Carlos assumiu ser garota de programa. Revelou que é prostituta porque gosta. "Tem uma categoria nos sites de acompanhantes que são de universitárias e fazem isso porque fazem faculdade particular e precisam pagar, mas eu nunca precisei disso, sou inteligente, fiz faculdade, optei por isso, qual o problema?" A moça ainda acrescentou: “Também quero dar aula, mas por hobby, e, além disso, também tem a questão financeira, porque dando aula hoje você quase não se sustenta”, analisou Gabriela, 21 anos, em entrevista ao g1.globo.com.

Uma doutoranda em teoria literária pela Unicamp, que começou a fazer programas depois de ter ingressado na pós-graduação como bolsista, disse que

“Gostaria de poder alugar um apartamento com uma amiga e fazer o meu trabalho ali, mas o dono do imóvel seria responsabilizado criminalmente, então não posso”².

Pode-se pensar o significado da educação escolar para essas garotas a partir de suas declarações e questionar se a escola é decisiva em relação às escolhas do sujeito no campo profissional ou pessoal.

O território escolhido para o desenvolvimento do trabalho foi o bairro central de uma das maiores capitais do Brasil. Espaço onde há muita prostituição, percebendo-se

¹ No começo dos anos 1990 fundou a ONG Davida, que intervém na sociedade por meio de ações culturais e de comunicação como serestas, bloco de carnaval e apresentações teatrais, além de estudos, pesquisas e documentação. Em 2005, para financiar projetos da ONG, idealizou a grife Daspu (Fonte: http://www.umbeijoparagabriela.com/?page_id=293 . Acesso em 26/07/2016)

² Fonte: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/questoes-da-prostituicao-segundo-as-prostitutas-7420.html>. Acesso em 05/07/2016.

predominantemente o baixo meretrício. No Centro de Fortaleza encontram-se facilmente espaços que possibilitam o serviço sexual, nos horários mais variados, pela manhã, tarde ou noite.

O presente trabalho tenta contribuir para que a sociedade possa repensar a prostituição tentando diminuir o estigma social e melhorar a qualidade de vida dos envolvidos.

Pretende-se também apontar novas possibilidades de estudos e ressaltar o papel da universidade a partir de seus objetivos de pesquisa.

Tal produção ainda poderia colaborar com a discussão acerca do tema e também para programas realmente eficazes de assistência e proteção a esse segmento. Ao mesmo tempo, o que se põe em questão é a liberdade e igualdade dos seres humanos, pois “quando as prostitutas tiverem os mesmos direitos e liberdades dos outros cidadãos, vamos saber que a sociedade tomou um passo decisivo rumo à maior democracia para todos nós”. (ROBERTS, 1998, p.418)

1.2. Objetivos

Esse estudo tem como objetivo principal compreender a escolaridade e a trajetória profissional de garotas de programa atuantes em casas de prostituição situadas no Centro da cidade de Fortaleza, considerados espaços de baixo meretrício, a partir dos anos 2000. Verifica-se, portanto, a história e memória do tempo presente.

Como objetivos específicos busca-se:

- Verificar o processo de escolarização das prostitutas;
- Analisar as histórias de vida escolar dessas garotas;
- Compreender os espaços escolares frequentados;
- Coletar informações sobre o início e permanência na carreira;
- Perceber as práticas educativas nos bordéis;
- Registrar as perspectivas de futuro das entrevistadas;

A partir das informações coletadas, pode-se refletir sobre a vida das prostitutas, suas experiências, anseios e projetos. A história contada de cada “mulher da vida” permitirá registros singulares sobre o mundo da prostituição.

1.3. Procedimentos Metodológicos

Entende-se que o processo de pesquisa é algo inconcluso. Muitas questões apresentadas a princípio, foram se redefinindo durante o período de coleta de dados e até na análise destes dados. Isso se deve muitas vezes as escolhas do pesquisador. Não somente na escolha das fontes que se coleta, mas, principalmente, nos relatos que tem a disposição e, principalmente, na linguagem que se utiliza para dizer o que se coletou e se utilizou na pesquisa. Nesse caso, a opção segue os rastros de uma pesquisa qualitativa.

As lembranças e narrativas puderam ser utilizadas nesse tipo de pesquisa, já que a pretensão não é produzir a verdade sobre a prostituição, mas registrar as histórias contadas pelos sujeitos.

Conforme Ferreira “as distorções da memória podem se revelar mais um recurso do que um problema, já que a veracidade dos depoimentos não é a preocupação central”. (1994, p. 10)

Foram utilizados os depoimentos, a coleta de fontes orais das prostitutas sobre suas experiências na escola e na “zona”.

Segundo Anjos Júnior (1983), ao passar para a outra identidade, a de mulher comum, fora da zona, a prostituta assume uma discricção fundamental para a sua biografia ao dissimular as características da identidade estigmatizada.

Assim, a pretensão dessa pesquisa foi ainda a utilização de procedimentos etnográficos.

O acompanhamento sistemático das garotas de programa nos espaços frequentados possibilitou uma rica coleta de dados além da utilização do diário de campo – peça fundamental – para o registro o cotidiano da prostituição e o contato com a realidade desse meio.

No mundo da zona do meretrício, os atores, e principalmente a prostituta, são naturalmente arredios a perguntas que visem vasculhar suas vidas diárias, o que implica que, em termos de abordagem, a observação participante não seja apenas uma técnica, mas sobretudo uma necessidade na interação sujeito/objeto. (ANJOS JÚNIOR, 1983)

Esse olhar a partir do cenário ou espaço privado, registrados etnograficamente possibilita a elaboração de códigos, discursos e ações que a serem capturadas no interior da própria coleta de dados.

Malinowski esclarece que

(...) quanto maior for o número de problemas que leve consigo para o trabalho de campo, quanto mais esteja habituado a moldar suas teorias aos fatos e a decidir quão relevantes eles são às suas teorias, tanto mais estará bem equipado para o seu trabalho de pesquisa (1984, p. 22).

O diário de campo passou a ter grande importância nessa pesquisa. Os registros dos relatos das prostitutas são descritos pela etnografia.

Descrição de movimentos, gestos, personagens, linguagem dessas mulheres. Assim como utilização dos instrumentais e suas descrições, além de possíveis conflitos

que se estabeleçam nesse cenário e os ensinamentos que se apresentaram nas conversas que acompanham o cotidiano.

Nesse contexto, Malinowski comenta:

Na etnografia, o autor é, ao mesmo tempo, o seu próprio cronista e historiador; suas fontes de informação são, indubitavelmente, bastante acessíveis, mas também extremamente enganosas e complexas; não estão incorporadas a documentos materiais fixos, mas sim ao comportamento e a memória de seres humanos (1984, p. 18).

Os dados foram analisados utilizando a transcrição das entrevistas semi-estruturadas produzidas com as prostitutas. Esse processo permite ao pesquisador ir reagrupando a entrevista com os destaques que se fixam na linguagem dos próprios narradores.

“É importante, principalmente na fase inicial, que as entrevistas sejam abertas, onde o informante fala de tudo, para que se conduza a entrevista como captação da história de vida.” (ANJOS JÚNIOR, 1983, p.05)

Seis espaços de prostituição situados no Centro de Fortaleza foram acompanhados ao longo do desenvolvimento dessa pesquisa. Dois cines pornô, Janga e Majestick, e quatro boates, Skalla drinks, Gata Garota, boates 80 e 100. Cinco desses estabelecimentos foram cenário de minha pesquisa de mestrado. O sexto é um espaço mais novo, no qual as garotas que trabalham nas outras boates, encerram a noite lá, uma vez que funciona até de às 7 da manhã, e diferente das outras, abre aos domingos também.

Os critérios de escolha foram a articulação entre as casas e as meninas, além da receptividade, viabilidade da realização da pesquisa, grande número de clientes, conseqüentemente o acesso a muitas de garotas de programa.

Desse modo, o presente trabalho está dividido em seis capítulos.

A primeira parte dividida em três momentos:

Início revelando os motivos que me impulsionaram a adentrar nesse mundo tão fascinante e amedrontador. Posteriormente, demarco meu objeto de estudo e então, apresento os procedimentos metodológicos da pesquisa.

No segundo capítulo, apresento a poesia *Mulher da Vida* de Cora Coralina comentada. Discute-se as permanências e mudanças no meretrício de 1975 aos anos 2000.

Em seguida, exponho o conceito de prostituição a partir disso pontuo duas categorias de prostituição: o baixo e o alto meretrício. No momento seguinte discorro sobre o estigma enfrentado do grupo. Dando continuidade, discuto a questão prostituição como atividade laboral e encerro tratando do papel da escola na formação do indivíduo.

No terceiro capítulo indico a rota do prazer no centro da capital cearense na qual a pesquisa foi desenvolvida. Descrevo os espaços de prazer assim como as descobertas e redescobertas pelos caminhos percorridos na elaboração do trabalho.

O quarto capítulo apresenta o perfil das prostitutas do baixo meretrício da capital cearense, analisando a faixa etária, quantidade de filhos, raça/cor e tempo de serviço.

Já no quinto capítulo identifica-se a situação de escolaridade das garotas.

O sexto capítulo traz breves relatos a respeito das trajetórias de vida escolar e profissional das prostitutas.

2. A MULHER DA VIDA: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS

Mulher da vida (Cora Coralina)

Mulher da Vida, minha Irmã.

De todos os tempos.
De todos os povos.
De todas as latitudes.
Ela vem do fundo imemorial das idades e
carrega a carga pesada dos mais torpes sinônimos,
apelidos e apodos:
Mulher da zona,
Mulher da rua,
Mulher perdida,
Mulher à-toa.

Mulher da Vida, minha irmã.

Pisadas, espezinhadas, ameaçadas.
Desprotegidas e exploradas.
Ignoradas da Lei, da Justiça e do Direito.
Necessárias fisiologicamente.
Indestrutíveis.
Sobreviventes.
Possuídas e infamadas sempre por
aqueles que um dia as lançaram na vida.
Marcadas. Contaminadas,
Escorchadas. Discriminadas.

Nenhum direito lhes assiste.
Nenhum estatuto ou norma as protege.
Sobrevivem como erva cativa dos caminhos,
pisadas, maltratadas e renascidas.

Flor sombria, sementeira espinhal
gerada nos viveiros da miséria, da pobreza e do abandono,
enraizada em todos os quadrantes da Terra.

Um dia, numa cidade longínqua, essa
mulher corria perseguida pelos homens que
a tinham maculado. Aflita, ouvindo o
tropel dos perseguidores e o sibilo das pedras,
ela encontrou-se com a Justiça.

A Justiça estendeu sua destra poderosa e
lançou o repto milenar:

“Aquele que estiver sem pecado
atire a primeira pedra”.

As pedras caíram
e os cobradores deram as costas.

O Justo falou então a palavra de equidade:
“Ninguém te condenou, mulher...
nem eu te condeno”.

A Justiça pesou a falta pelo peso
do sacrifício e este excedeu àquela.
Vilipendiada, esmagada.
Possuída e enxovalhada,
ela é a muralha que há milênios detém
as urgências brutais do homem para que
na sociedade possam coexistir a inocência,
a castidade e a virtude.

Na fragilidade de sua carne maculada
esbarra a exigência impiedosa do macho.

Sem cobertura de leis e sem proteção legal,
ela atravessa a vida ultrajada
e imprescindível, pisoteada, explorada,
nem a sociedade a dispensa
nem lhe reconhece direitos
nem lhe dá proteção.

E quem já alcançou o ideal dessa mulher,
que um homem a tome pela mão,
a levante, e diga: minha companheira.

Mulher da Vida, minha irmã.

No fim dos tempos.
No dia da Grande Justiça do Grande Juiz.
Serás remida e lavada de toda condenação.

E o juiz da Grande Justiça
a vestirá de branco em
novo batismo de purificação.
Limpará as máculas de sua vida
humilhada e sacrificada
para que a Família Humana
possa subsistir sempre,
estrutura sólida e indestrutível da sociedade,
de todos os povos,
de todos os tempos.

Mulher da Vida, minha irmã.

Poesia dedicada, por Coralina, ao Ano Internacional da Mulher em 1975.

A poesia de Cora Coralina, escrita em 1975, mostra uma leitura cristã acerca do tema assim como um contexto distante dos anos 2000. Muitas transformações aconteceram no mundo do meretrício.

BARROS (2005) lista alguns sinônimos de prostitutas.

Dos mais conhecidos termos temos: prostituta, puta, meretriz, piranha, garota de programa, rapariga, vadia, libertina, mulher de vida fácil, vagabunda, mulher da vida, mulher de "vida alegre", mulher à toa, cortesã, camélia e quenga. Dentre os nomes menos conhecidos encontra-se marafona, boneca de trapos, mulher "horizontal", cocota, cocote, meretrícula, mariposa, dama da noite, "deusa" da noite, mulher de costumes fáceis, "decaída", que leva vida licenciosa, piranhuda, pistoleira, mundana, Maria Madalena, mulher pecadora, mulher manteúda, mulher teúda, mulher de vida silenciosa, marquesa das altas calçadas, damas de copas, boneca noturna, boneca vadia, concubina, gueixas, mulher desregrada, rameira, perra, barregã, bagaxa, rascoeira, cróias, bandarra, zabaneira, michelas, mulher livre, mulher tolerada, mulher da noite, mulher de paredão, imperatriz da alcova, deusa do asfalto, trabalhadoras e/ou profissionais do sexo. (p.6)

Em 1987, foi realizado o I Encontro Nacional de Prostitutas. Na época também houve criação de Associações Estaduais. Percebeu-se com isso uma iniciativa mais estruturada de organização de um movimento associativo próprio, preocupado com a redução do estigma, do estereótipo e da discriminação em torno da atividade prostituinte. Com o movimento também notou-se uma preocupação com a melhoria de condições de trabalho e da qualidade de vida das prostitutas, e com o estabelecimento de uma linha direta reivindicatória com organizações governamentais e não-governamentais.

Nos anos 2000, já se discute o processo de profissionalização das garotas de programa. O projeto de Lei n. 4.211/2012, do Deputado Jean Wyllys (PSOL-RJ) que reconhece a prostituição como profissão, tramita na Câmara dos Deputados.

Outra questão é a de que prostitutas não vêm necessariamente de uma situação miserável ou de abandono. Em SOUSA(1998), uma ex-prostituta afirma que (...) *ninguém conhece a prostituição só porque chegam lá. Todo mundo pensa que é só precisão. As pessoas se enganam. Não é. É por tudo. A prostituição começa por tudo: por curtição, por falta de liberdade, por falta de dinheiro.* (p.116)

O estigma sofrido por essas trabalhadoras do sexo ainda persiste. Estudiosos e ativistas se empenham em modificar esse cenário e se tenha percebido algum avanço, há muito ainda para se (des) construir.

2.1. O conceito de prostituição

A prostituição pode ser definida como a troca consciente de favores sexuais por interesses não sentimentais ou afetivos. Esses interesses podem ser dos mais diversos, porém o mais habitual é o dinheiro. “A prostituta é uma pessoa que abandona as normas e se marginaliza social, afetiva e sexualmente”. (ADLER, 1991, p.11)

Com frequência, prostituição e prostitutas, são consideradas sinônimos, de tal forma que todo o sistema da prostituição passa a ser visto e definido a partir das prostitutas, esquecendo que a prostituição envolve uma relação entre alguém que vende os serviços sexuais e alguém os compra. (FÁBREGAS, 2000, p. 95)

A prostituição envolve uma relação entre prostituta e cliente, além de uma rede de serviços.

Os motivos pelos quais inúmeras mulheres têm ido à batalha são diversos. Adler (1991) considera que

A dificuldade em trabalhar com a questão da comercialização sexual do corpo feminino também se explicita, pois a prostituição aparece sempre como resposta: à necessidade financeira, à opressão familiar, às diversidades enfrentadas na cidade grande, ou decorre da manipulação machista do sexo forte. Em qualquer um dos casos, escapa a dimensão positiva do mundo da prostituição (p. 219)

No estudo feito por Anjos Júnior sobre a prostituição de baixo meretrício no Farol do Mucuripe, em Fortaleza, ele defende que

A carência objetiva de trabalho nas pequenas cidades e no meio rural, a desqualificação profissional, a baixa ou nenhuma escolaridade, a ausência de perspectivas e também o fato da ‘perda da honra’ (...)constituem fatores basilares que contribuem para o ingresso na chamada ‘vida fácil’ pela necessidade em sobreviver”. (1983, p.22)

Porém, o acesso a escola e a qualificação profissional estão mais abrangentes no anos 2000, todavia a indústria do sexo continua se expandindo.

Por mais que ultrapassem as fronteiras do mundo respeitável, impulsionadas por fortes motivos externos às suas vontades, como costuma aparecer nos romances e filmes sobre a prostituição, ou ainda no relato delas próprias, há um grande prazer em permanecer nele, em desvendá-lo, o que ocorre com o desvendamento do próprio corpo e, portanto, da própria sexualidade (RAGO, 1991, p.216)

2.2. O baixo e o alto meretrício

Os tipos físicos das integrantes desse meio também são os mais diversos. Atende-se a todos os gostos. Todavia, relacionando o espaço e as condições de trabalho pode-se claramente verificar duas categorias de prostituição: o baixo meretrício e a prostituição de luxo. As prostitutas de classe social menos favorecida apresentam um discurso de que dentre os motivos que as levaram a escolher tal ramo de atividade se encontra a “necessidade de dinheiro, de ter como se sustentar e como sustentar seus filhos” (GUIMARÃES, 2008). Essa justificativa para entrar no mundo da prostituição não é serve para explicar a permanência delas nesse meio. “O fato é que, para a grande maioria das mulheres, seja qual for a sua classe, educação e perspectivas de carreira, a prostituição ainda representa a opção mais lucrativa”. (ROBERTS, 1998, p.83)

Assim se apresenta o baixo meretrício, onde as mulheres cobram preços menores, fazem pontos em locais públicos e comparada a outra categoria usam roupas e acessórios de baixo custo. São mais acessíveis, menos exigentes com os clientes.

Por outra via, há o alto meretrício, ou seja, as prostitutas ditas como de luxo, que pertencem a uma classe social mais elevada. Essas “justificam sua prática também como uma forma de conseguir dinheiro, com a diferença que esse dinheiro é usado para satisfazer seus caprichos, para uma ascensão à sociedade do consumo” (idem). Tanto as vestimentas, os locais frequentados, e as exigências feitas exibem como são consumistas. Isso pode ser demonstrado nos inúmeros sites de acompanhantes. Verifica-se também que o perfil dos clientes dessas meninas são outros, assim como os motéis frequentados. Os cachês são bem mais elevados. Algumas delas falam outros idiomas e também levam acessórios sexuais para o prazer do cliente. Atendem homens, mulheres e casais.

Se o mundo da prostituição chique pode ser metaforizado com imagens que evocam prazer e tranquilidade, ao mesmo tempo que violência e depravação, o baixo meretrício vem inevitavelmente associado à ideia da animalidade da carne, da bestialidade do sexo, do gozo irrefreável e da orgia sem limites, atestando o último degrau de degradação atingido pela humanidade. Tudo aí passa pelo crivo do negativo, do sombrio, da brutalidade humana (RAGO, 1991, p.273).

Alguns autores ainda incluem o médio meretrício, onde se situam garotas numa situação intermediária.

Acompanhando o progresso social, o mercado do sexo também avança. As relações entre prostituta e cliente se aprimoram. Surge a prostituição virtual. Vende-se sexo via telefone e internet. Nos sites o cliente pode escolher o corpo de acordo com suas preferências e as opções são muitas. A prostituição virtual pode se incluída na categoria de médio ou alto meretrício.

2.3. O estigma

Ao longo da história a representação social da prostituta se modifica, já teve seus momentos de exaltação. Atualmente é uma atividade carregada de estigma, entretanto essa marca nem sempre esteve presente.

Elas já foram vinculadas a divindades. Percebidas como reencarnação de Afrodite. Já foram admiradas por seus conhecimentos e cultura e tinham um status elevado.

Na antiga civilização grega, a prostituição fazia parte da paisagem cotidiana, era um meio de obtenção de rendimento igual a qualquer outro e uma prática controlada pelo estado. As prostitutas deviam pagar altos impostos e vestir-se de forma a serem identificadas como tal. (...) A prostituição era uma profissão tão rentável que algumas mães incentivavam as filhas a fazer carreira. Aspásia, por exemplo, tornou-se uma prostituta famosa e admirada pelas qualidades intelectuais a ponto de o grande Sócrates levar seus discípulos para ouvi-la – o contrário do que ocorria com as jovens destinadas ao casamento, que se dedicavam exclusivamente ao trabalho doméstico. Curiosa expressão da legendária democracia grega: só as prostitutas tinham acesso ao conhecimento. (CECARELLI, 2008)

Roberts (1998) registra a diferença da educação recebida pelas mulheres, pois “a educação de uma esposa ateniense era restrita às habilidades domésticas da cozinha, da costura e do ‘cuidado da casa; o conhecimento intelectual era proibido a uma esposa, pois esta era a marca de uma prostituta”.

Sousa (1995) diz que no âmbito simbólico e imaginário social, as prostitutas representam tudo que uma esposa e mãe não poderia eventualmente ser: sensual despudorada, misteriosa, sem dono, livre para o sexo. (p.69)

O fato é que essa atividade é muito antiga. Vista como um mal necessário por alguns, não poderia ser erradicada, assim a prostituição faz-se presente na sociedade.

De acordo com Bacelar em seu trabalho sobre a família da prostituta, realizado em uma zona do baixo meretrício de Salvador,

O fenômeno da prostituição deve ser entendido como um produto das desigualdades econômicas existentes na sociedade e, por outro lado, como reflexo direto das estruturas de dominação e poder que institucionalizam a condição sexual da mulher. Dessa forma, a compreensão do significado da prostituição na sociedade contemporânea está intrinsecamente relacionada com a condição social da mulher e a política sexual vigente. (1982, p. 68)

A postura social em relação aos relacionamentos conjugais se modificou, assim como a configuração de famílias. Relações sexuais antes do matrimônio são comuns, e ainda assim, a procura pelas prostitutas não cessa. O número de prostitutas e de espaços favoráveis a sua prática só aumenta, inclusive nas áreas nobres das capitais brasileiras. Rago (1991) comenta que processo de modernização, de crescimento econômico, de explosão demográfica e de desterritorialização das subjetividades impulsionou o alargamento dos territórios dos desejos.

O processo de pauperização das camadas urbanas desprivilegiadas e o crescente afluxo de mulheres desprovidas de habilitação ou qualificação profissional, somados à ausência de perspectivas concretas para sobreviver, contribuem não só para a arregimentação de prostitutas para o baixo meretrício (...). (ANJOS JÚNIOR, 1983)

A história de luta dessas mulheres é recheada de fortes acontecimentos, pois enfrentar uma cultura machista, moralista e cristã requer muita coragem e personalidade. Infelizmente, essas histórias não são tão valorizadas, assim as autoras. Não há tanto interesse em melhorar as condições de vida, de trabalho e até mesmo de sociabilidade desse grupo.

“A devassidão como característica do trabalho da prostituta é comumente associada como condição pecaminosa (...), o que perpetua a situação estigmatizadora”. (ANJOS JÚNIOR, 1983)

Assim, as prostitutas estão sujeitas à exploração do seu trabalho, sem direitos e carregam o estigma durante a vida no meretrício e após, como ex-prostituta.

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável – num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Tal característica é um estigma, especialmente quando seu efeito de descrédito é muito grande (...) (GOFFMAN, 2008, p.12).

O autor acrescenta que

Há estigmas importantes, como o das prostitutas, homossexuais, mendigos e viciados em drogas, que exigem que o indivíduo seja cuidadosamente reservado em relação a seu defeito com uma classe de pessoas, a polícia, ao mesmo tempo em que se expõe sistematicamente a outras classes, ou seja, clientes, cúmplices, contatos, receptadores de objetos roubados, etc. (GOFFMAN, 2008, p.84).

Essas condições contribuem para que sejam silenciadas e exploradas.

2.4. Prostituição: profissão?

Para se prostituir a mulher não precisa ter qualificação profissional. Não se exige um grau de escolaridade para exercer tal função. Dessa forma se torna mais fácil o acesso a esse universo.

O baixo meretrício de cabaré impõe à prostituta um ritmo de atividade bastante acelerado, de tal forma que os dias, os meses, os anos passam muito rapidamente. Geralmente, a preocupação com o “fim de carreira” emerge quando a prostituta já há algum tempo está em atividade. (ANJOS JÚNIOR, 1983)

Quanto menos experiência no ramo tiver, mais valorizada profissionalmente ela será, ainda que por um período de curta duração. É uma atividade em que a concorrência é alta. Elas estão sempre mudando a cor dos cabelos, inovando o visual. Quando idade avança a prostituta já não é mais tão procurada e tem que pensar em outra fonte de renda. É comum planejarem ter um próprio negócio na área prostituinte.

O ato de vender o corpo apresenta-se como um outro aspecto que distingue a prostituta nos textos examinados. Apesar de designada, muitas vezes, como ocupação, ofício e comércio, a prostituição é vinculada à ociosidade e contraposta a trabalho” (ENGEL, 1989, p.94)

A prostituição não é crime no Brasil.

Diante da prostituição, o Estado pode adotar três atitudes: 1. Autoriza através de regulamentação específica seu livre exercício, sendo visto como Regulamentarista; 2. proibir através de legislação própria seu funcionamento, sendo caracterizado como Proibicionista e 3. não regulamentar, nem proibir a prostituição em si, mas, criminalizar, com o intuito de abolir, quem explora essa atividade por enxergar nessa prática uma forma de violência, sendo descrito como Abolicionista, tal como é o Brasil hoje” (ALVES, 2012, p.47).

De acordo Código Penal Brasileiro, o crime é caracterizado quando há exploração sexual.

Art. 228. Induzir ou atrair alguém à prostituição ou outra forma de exploração sexual, facilitá-la, impedir ou dificultar que alguém a abandone: (Redação dada pela Lei nº 12.015, de 2009) ³

O estigma, o preconceito, a exclusão contribuem para que as mulheres que se prostituem estejam mais vulneráveis à exploração.

Embora não regulamentada, a profissão de prostituta consta na Classificação Brasileira de Ocupações, do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Sobre a formação e experiência da categoria, encontra-se no site: *para o exercício profissional requer-se que os trabalhadores participem de oficinas sobre sexo seguro, o acesso à profissão é restrito aos maiores de dezoito anos; a escolaridade média está na faixa de quarta a sétima séries do ensino fundamental.*

Ainda no site do MTE, no espaço que descreve as competências pessoais da profissional do sexo, 12 são citadas: *Demonstrar capacidade de persuasão; Demonstrar capacidade de comunicação; Demonstrar capacidade de realizar fantasias sexuais; Demonstrar paciência Planejar o futuro; Demonstrar solidariedade aos colegas de profissão; Demonstrar capacidade de ouvir; Demonstrar capacidade lúdica; Demonstrar sensualidade; Reconhecer o potencial do cliente; Cuidar da higiene pessoal; Manter sigilo profissional.*

Percebe-se que são muitas as atribuições. Embora não haja tantas exigências para entrar na zona, já que não requer formação, permanecer nela não é tão simples. Embora conhecida como vida fácil, o dia a dia na prostituição é desafiador.

³Fonte: <http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/91614/codigo-penal-decreto-lei-2848-40#>. Acesso em 07/07/2016

Os percalços do dia-a-dia conferem à prostituta de zona uma vida muito mais difícil do que se imagina, as dificuldades vêm de todos os lados, da clientela à 'madame', da repressão, do desgaste físico e à perda da saúde, ela assume os riscos e o estigma de seu trabalho, mas separa perfeitamente, dentro de sua identidade pessoal, o papel dito como divergente de outros papéis normalmente por ela desempenhados, quando não se identifica como prostituta. (ANJOS JÚNIOR, 1983, p.15)

A concorrência, o envelhecimento, o estigma, o desgaste físico e psicológico, o risco de violência e de contaminação através do ato sexual estão entre as dificuldades enfrentadas pelas mulheres que se prostituem.

Seu comportamento geralmente agressivo e insultuoso faz parte de um complexo mecanismo de defesa duramente aprendido sob dominação. Por compreender e aceitar as variações de comportamento sexual de seus parceiros (e com isso dilatar seus ganhos), a prostituta percebe e incorpora a característica estigmatizante. (ANJOS JÚNIOR, 1983, p.17)

Para a permanência na profissão deve haver uma adaptação pessoal à realidade da mercantilização do corpo, assim como uma excelente capacidade de desempenho. Cumprir as competências descritas pelo MTE, certamente destacaria essa profissional.

Barros (2005), a respeito da relação de trabalho das prostitutas, considera que

O corpo é o instrumento de trabalho. A prática sexual é a relação de trabalho propriamente dita. É por ela que as mulheres recebem o dinheiro. Podemos chamar essa relação de processo de trabalho, pois é nele que encontramos as formas, regras e maneiras de satisfação do cliente. O quarto, a cama, é o posto de trabalho. A rua, a boate, a zona, ou mesmo um espaço público ou privado - utilizado para este fim -, são os locais de trabalho (p.10)

Ele ainda defende que

Do ponto de vista da satisfação das necessidades é possível igualar a prostituição a qualquer atividade laboral que os seres humanos desempenham. A maioria dos seres humanos luta pela sobrevivência, querem se alimentar, vestir, ter habitação e reproduzir. Nenhuma novidade até o momento: o problema é quando a relação de trabalho está imbricada com a moral, a cultura e os costumes dominantes (p.12)

A respeito da escolaridade das prostitutas do Farol do Mucuripe, Anjos Júnior (1983, p.27) declara que

A maioria, mulheres desprivilegiadas e desgastadas pela natureza da atividade, fica geralmente numa situação desfavorável. (só as mais bem dotadas fisicamente conseguem alguma coisa). O índice de escolaridade é baixíssimo, analfabetas ou semi-analfabetas em maioria, o que não tem nada a ver com inteligência pessoal e habilidade no trato com a vida.

2.5. A função social da Escola

Para o aluguel do sexo no baixo meretrício, a escolaridade não está em questão. Anjos Júnior (1983) detectou um grau de escolaridade muito baixo das prostitutas do Farol do Mucuripe, mas isso não determinava o desempenho das garotas como prostitutas.

Segundo Costa (2000)

A escola é uma instituição social com objetivo explícito: o desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, por meio da aprendizagem dos conteúdos (conhecimentos, habilidades, procedimentos, atitudes, e valores) que, aliás, deve acontecer de maneira contextualizada desenvolvendo nos discentes a capacidade de tornarem-se cidadãos participativos na sociedade em que vivem.

A proposta da escola é formar cidadão para que eles sejam sujeitos atuantes na sociedade. Será que esse objetivo é atingido?

Assim como a sociedade, a escola diz uma coisa e faz outra. Ela diz que deseja dar a todos uma formação de alto nível, mas não busca os meios pedagógicos para isso. Ela diz que deseja desenvolver a razão, mas vai acumulando as aprendizagens que preparam para os estudos longos. Ela diz que deseja educar, mas passa o tempo todo a instruir. (PERRENOUD, 2005)

Analisando a trajetória escolar das garotas de programa, registra-se o tempo, o território em que elas viveram e o retrato dessas experiências na utilização do corpo como via de renda.

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. (BRANDÃO, 1985, p. 7)

No estudo sobre o processo educacional dos filhos de prostitutas, percebeu-se que a escola é para as prostitutas assim como para a sociedade, uma estrutura segura capaz de garantir, no futuro, uma profissão melhor que o meretrício.

A educação contribuiu consideravelmente para fundamentar e para manter a idéia de progresso como processo de marcha ascendente na História; assim, ajudou a sustentar a esperança em alguns indivíduos, em uma sociedade, em um mundo e em um porvir melhores. A fé na educação nutre-se da crença de que esta possa melhorar a qualidade de vida, a racionalidade, o desenvolvimento da sensibilidade, a compreensão entre os seres humanos, o decréscimo da agressividade, o desenvolvimento econômico, ou o domínio da fatalidade e da natureza hostil pelo progresso das ciências e da tecnologia propagadas e incrementadas pela educação. Graças a ela, tornou-se possível acreditar na possibilidade de que o projeto ilustrado pudesse triunfar devido ao desenvolvimento da inteligência, ao exercício da racionalidade, à utilização do conhecimento científico e à geração de uma nova ordem social mais racional. (SACRISTAN, 2001)

Mas para CANDAU (2003), essa é a utopia que impregnou e impregna ainda hoje a educação escolar. A escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença.

LIBANEO (2005) reforça: Devemos inferir, portanto, que a educação de qualidade é aquela mediante a qual a escola promove, para todos, o domínio dos conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas indispensáveis ao atendimento de necessidades individuais e sociais dos alunos.

3. A ROTA DO PRAZER: DESBRAVANDO A “ZONA” NO CENTRO DA CAPITAL CEARENSE

O roteiro das atividades sexuais nos locais selecionados para a pesquisa inicia às 16h00min e vai até a madrugada, exceto os Cines que abrem suas portas às 09h00min, exibem seus filmes e algumas prostitutas oferecem serviços, mas o pico ocorre a partir das 18h, fim do expediente dos clientes que trabalham nas imediações.

Às 16h30min começam as atividades num bordel, o Espaço Show Bar, situado ao lado do Passeio Público, região central de Fortaleza. Nesse local de baixo meretrício as meninas circulam, apresentando seu corpo para a clientela. Fazem apresentações de strip-tease e quando contratada por um cliente fazem o programa. Algumas só dançam outras só fazem programa, mas a maioria realiza as duas atividades. Esse local encerra seu atendimento às 20h00min.

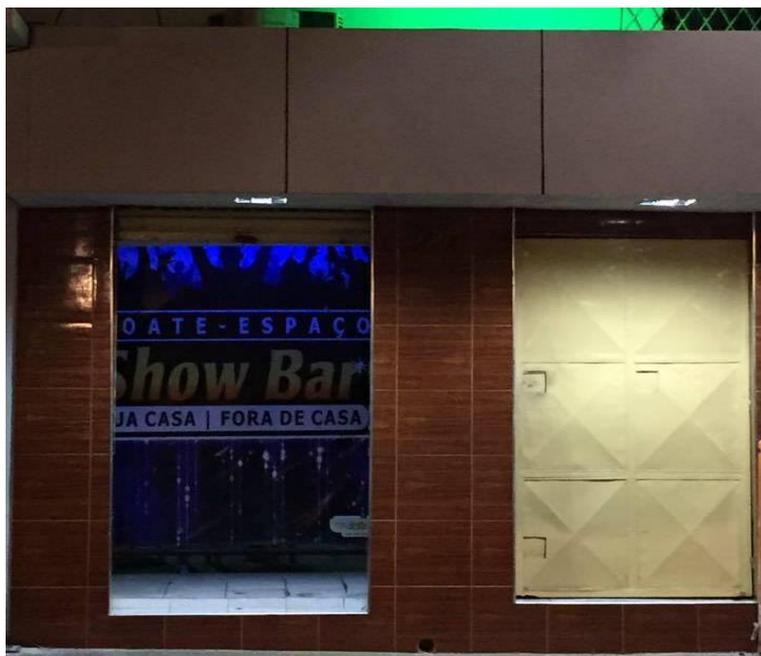


Figura 1 : Entrada da boate Espaço Show Bar⁴

Do lado de fora, bem em frente à casa, muitos moto taxistas, aliás, eles são necessários para as meninas, que precisam se locomover rapidamente de uma casa a outra, pelo centro da cidade, e até mesmo para retornarem às suas residências. Nos locais de prostituição sempre os encontramos dispostos a trabalhar, e não é raro que o pagamento recebido das damas da noite, sejam serviços sexuais, que são sempre bem aceitos, inclusive alguns já lançam essa proposta. Com exceção dos cines, que cobram um valor de entrada, nas diversas casas os moto taxistas que ficam do lado de fora, na hora dos shows, aproveitam para admirar suas passageiras prostitutas.

Saindo do local supracitado, aproximadamente 18h30min, chega-se até um cine pornô, situado não muito distante. Agora a prostituta fará um show para os clientes a esperam, depois de um dia de serviço provavelmente no bairro central, eles procuram satisfação sexual. No cine, a apresentação acontece na hora marcada, com a contratada da noite, de quinta-feira à sábado. A divulgação é feita pelo locutor, outra figura interessante desses ambientes, pois são responsáveis pela propagando e animação durante os espetáculos.

Quando iniciou-se a pesquisa nesses espaços, em 2008, o gerente do Cine Janga ocupava o cargo há muitos anos, mas no início de 2013, uma mulher que trabalhava no Gata Garota como garçone, assumiu o cargo.

⁴ Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=893308297417062&set=pb.100002137007765.-2207520000.1468557946.&type=3&theater> . Acesso em 10/07/2016.



Figura 2: Entrada e Letreiro do Cine Janga⁵

Na hora combinada, o show começa e é possível a participação da plateia. Um cliente que esteja apto é convidado a subir no palco e encerrar a apresentação com sexo explícito. As luzes do palco se apagam e agora o trabalho da prostituta acontece nos quartos minúsculos, onde os clientes formam filas e aguardam atendimento individual ou grupal, negociado com a própria garota.

Após o Cine Janga, a garota e/ou os clientes podem se deslocar até o Cine Majestick, que inicia as apresentações de dança e de sexo ao vivo em torno das 19h30min. O esquema dos cines é bem semelhante. A entrada custa R\$ 5,00, mas quem paga o show das meninas é a casa. Ressalta-se que no Cine Janga a apresentação termina com o orgasmo de apenas um cliente, enquanto que no Majestick a garota faz sexo explícito com todos os espectadores que estiverem numa fila que é organizada pelo locutor.

⁵ Foto: Arquivo pessoal de José Gerardo Vasconcelos. Edição: Verônica Gomes dos Santos



Figura 3: Majestick Cine Club⁶

Depois das apresentações os cines fecham e o roteiro segue para o Gata Garota e/ou o Skala Drink's, que estão localizados na mesma rua, praticamente ao lado do outro. Eles estão situados em frente a uma parada de ônibus bem movimentada. O esquema de funcionamento dos dois é o mesmo, assim como o do Espaço Show já descrito. Muitas meninas circulando, os clientes pagam shows, programas e bebidas. No final do expediente lá estão os moto taxistas prontos para levá-las, caso não consigam carona com algum parceiro sexual. Vários clientes também utilizam o serviço dos motoqueiros.

O preço do programa e do show cobrado pelas meninas no Skala Drink's é mais barato que no Gata Garota. O cliente pode escolher o local de acordo com o investimento que esteja disposto a fazer.

⁶ Foto: Arquivo pessoal de José Gerardo Vasconcelos.



Figura 4: Letreiro e ambiente interno da Boate Gata Garota Show⁷



Figura 5: Letreiro do Skalla Drink's Show⁸

Depois da boate Gata Garota, pode-se seguir para o 80, concorrente do 90, outra casa muito conhecida de prostituição em Fortaleza. Dependendo do movimento do dia, as meninas passam pelas casas à procura de venderem seus serviços, batalhando.

⁷ Foto: Arquivo Pessoal de José Gerardo Vasconcelos. Edição: Verônica Gomes dos Santos.

⁸ Foto: Arquivo Pessoal de José Gerardo Vasconcelos.



Figura 6: Fachada da Boate Striper 80⁹

O mercado do sexo cresce no centro da cidade e entre no final de 2015, em frente ao 80, uma nova casa foi inaugurada, a boate 100. As garotas são as mesmas que transitam, de acordo com a demanda, pelas outras boates já citadas nesse trabalho. Mesas espalhadas pelo salão. Meninas que desfilam pela casa. Música, fumaça, palco para strip-tease, performances de pole dance. Nessa boate o programa é mais caro.

⁹ Foto: Arquivo Pessoal de José Gerardo Vasconcelos.

3.1. Espaços de prazer

Nos cines pode-se encontrar serviço de bar e cabines individuais. O lucro da casa vem da entrada e do consumo dos clientes. Os programas são feitos nas cabines, nas quais a casa não cobra ao cliente, ele paga diretamente à garota. Alguns clientes mais ousados realizam o ato sexual nas poltronas. Tanto no Majestick como no Cine Janga, há também programas com travestis. Os preços são estipulados pelas garotas, e aqui pode-se adquirir o serviço da mesma garota por um preço menor que na outras casas, já que espaço disponível não oferece muita privacidade nem conforto algum.

No Skalla Drinks pode-se encontrar mesas na calçada, funciona uma lanchonete e tem um corredor, onde estão situados os quartos onde as garotas fazem os programas, que dá acesso a parte interna da casa onde acontecem os shows de strip-tease. Das 4 boates, é nessa onde se cobra o menor valor pelo programa.

Quase ao lado, funciona o Gata Garota, onde fica um segurança na entrada, solicitando o documento de identificação de quem deseja entrar. Não há mesas na calçada. Há um corredor onde o cliente tem acesso ao salão onde está o bar, o palco, as garotas. O serviço acontece no ambiente interno. Em 2014, identificou-se uma queda no número de shows por noite. Os clientes já não demonstram tanto interesse pelos shows como registrado nos anos de 2010 a 2013. A administração mudou e foi instalada uma máquina de música, mais uma opção para o cliente se divertir e a casa faturar. O cliente adquire as fichas e escolhe as músicas que deseja ouvir. Nem todos os clientes da casa vão à procura de programa. Os que vão para beber e olhar as mulheres, acabam pedindo música também.

Nas boates 80 e 100 as mesas estão espalhadas desde a calçada. Todos os espaços são aproveitados. Em relação a estrutura física, 80 e 100 não tem um corredor, da porta já avista-se o salão e pode-se usufruir de todo o serviço que a casa oferece.

Nesse contexto buscou-se estabelecer contato com profissionais do sexo e coletar informações sobre suas histórias de vida.

3.2. (Re) descobertas pelo caminho

A recepção nas casas de prostituição depende de fatores diversos: roupa, companhia, gênero. Um homem quando chega sozinho é visto pelas prostitutas como cliente nem potencial, já uma mulher é vista como concorrente. Para os clientes, uma mulher que está nesse tipo de espaço sozinha é vista, quase sempre, como prostituta.

Ao lembrar dos percalços da pesquisa de Mestrado, percebeu-se algumas mudanças relacionadas à minha presença nos locais, tanto dos clientes quanto das garotas.

Em 2011, foi registrado-se que

Os clientes, das casas estudadas, que não me conheciam, também achavam que eu fazia programa. Afinal, o que uma mulher vai fazer num local onde o sexo impera?! Bem, eu tinha uma pesquisa para fazer. Com um tempo, quando eu já estava acostumada, até me divertia com a situação. Já não era tão assustador ser confundida com uma garota de programa, já que eu estava num ambiente onde todas as meninas faziam a vida. (SANTOS, V.G., p 40)

Nas últimas visitas isso já não quase não acontecia. Praticamente todas as vezes que fui à locais de prostituição no período de 2008 a 2010, estive acompanhada com alguma garota de programa ou com amigos interessados no tema. Nunca fui acompanhada com pessoa do sexo feminino que não desempenhasse a atividade prostituinte.

Tendo como base os relatos das prostitutas sobre o ingresso na carreira, onde muitas afirmam que foram levadas por alguma amiga, percebo o fato de não ir acompanhada de garotas, mas encontrá-las já no trabalho, como possível desvinculação de minha figura à de profissional do sexo, além de noções de chegada, permanência e saída desses espaços, adquiridas anteriormente.

Fui abordada por diversos clientes da casa, mas nenhuma abordagem foi violenta, ao contrário, eles sempre chegaram com respeito ainda que bêbados ou drogados. Agora, não me perguntam mais todas as vezes que vou, quanto custa o programa. Já chegam, inclusive, afirmando saber que eu não trabalho ali, mas me fazem perguntas e/ou propostas amorosas, sem envolver dinheiro. Há também os que perguntam se eu sou homo ou bissexual. Tem um cliente antigo e assíduo com o qual já estabeleci uma certa relação e sempre se dispôs a me auxiliar no que fosse necessário.

Além do mais, conta-se com seguranças nas casas, que ficam de olhos atentos ao movimento no ambiente, para que nada ocorra as pessoas que frequentam ali. O segurança do Gata Garota trabalha ali há 8 anos, desde que a casa foi aberta. Quando chega algum cliente ele sempre se aproxima da mesa e me pergunta se está tudo bem.

A experiência de ir sozinha, sem inicialmente conhecer ninguém, embora esperasse encontrar as garotas as quais pude conhecer na primeira década dos anos 2000, possibilitou percepções de movimentos, códigos e silêncios antes despercebidos.

Há muita rotatividade dos trabalhadores da casa, tanto das garçonetes quanto das garotas. Ao visitar esses locais após um ano afastada, eu já não conhecia mais as prostitutas. Procurava rostos conhecidos, mas não encontrava.

Meninas de todos os tipos, para todos os gostos. Gorda, magra, alta, baixa, loira, negra, pouca idade, mais idade. Os tipos mais comuns e mais exóticos também.

Dois fatos me chamaram atenção. O primeiro é que as mais gordinhas não são chamadas para dançar e algumas delas não trabalham com strip-tease, possivelmente preconceito com o próprio corpo. O segundo foi percebido nos dias com menos movimentação de clientes, as mais procuradas aproveitam para descansar, sair, tirar folga, já as meninas menos requisitadas não deixam de bater ponto, pois é a oportunidade que elas têm para conquistar clientes, uma vez que a concorrência desleal não está presente.

Facilitar o contato do cliente com a garota também é uma das funções das garçonetes.

Observou-se também os clientes que só vão às casas de prostituição para beber e ver mulheres nuas. Quando a prostituta percebe que ele está vulnerável vai até ele oferecer seus serviços ou simplesmente para pedir que lhe pague bebida.

Em uma das visitas realizadas num dia de pouco movimento em uma das boates, havia 07 (sete) prostitutas desfilando na casa e 8 (oito) clientes distribuídos pelo salão. Lucinha, uma das meninas sentou para conversar. Quando questionada se trabalhava de segunda a segunda ela disse:

Às vezes segunda eu não venho não. porque segunda é muito fraco. Domingo fecha. É de segunda a sábado.

A respeito de sua relação com bebidas alcoólicas ela falou:

Dei uma parada na bebida tá com 3 meses. Eu parei porque tava me fazendo mal.

Lucinha vai à zona de terça a sábado. Faz poucos show e programas. Usa drogas. Abandonou o álcool. Vive mexendo no celular. Às vezes dá voltas pelo salão e mexe com alguns clientes. Tem tatuagens pelo corpo, a que tem na perna chama bastante atenção.

Ao longo dos anos fui localizando algumas garotas que batalham há muitos anos pelo Centro de Fortaleza e são essas sobreviventes do mundo do meretrício que tem o perfil a ser analisado nesse trabalho.

4. QUEM SÃO ELAS?

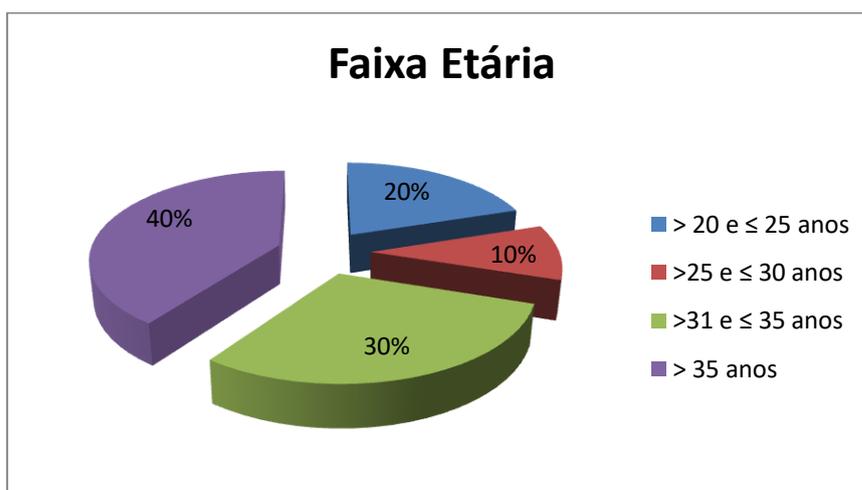
No início do trabalho foi realizado um diagnóstico, através de conversas informais, durante as visitas aos espaços e no horário de trabalho das garotas, nos momentos em que as boates não estavam cheias e elas estavam a espera de clientes, com objetivo de localizar possíveis colaboradoras para o desenvolvimento da pesquisa.

De acordo o interesse demonstrado, posteriormente foi aplicado um questionário e 10 (dez) meninas com mais de 03 (três) anos na prostituição participaram.

As perguntas apresentadas à elas se referiam ao nome de guerra, idade, naturalidade, raça, número de filhos, escolaridade e tempo de serviço no meretrício.

Das prostitutas que atendiam aos critérios para a participação na pesquisa, a faixa etária predominante é acima de 30 anos. A mais jovem revelou ter 23 anos.

Gráfico 1 : Faixa etária das entrevistadas



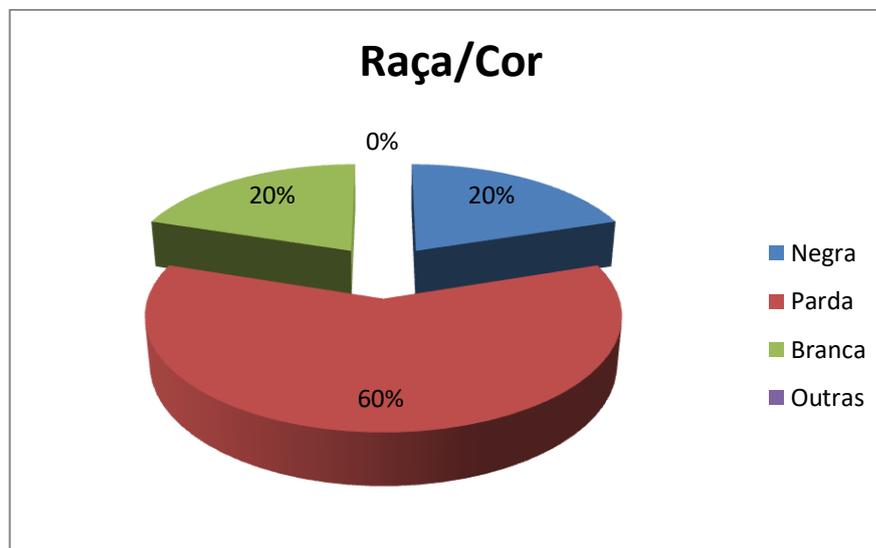
Fonte: Elaboração da autora.

Outra questão apresentada foi em relação ao número de filhos. 50% das garotas entrevistadas tem de 1 a 2 filhos. Nenhuma relatou ter recém-nascido ou bebê. Revelaram que são crianças e/ou adolescentes.

Gráfico 2: Número de filhos das entrevistadas

Fonte: Elaboração da autora.

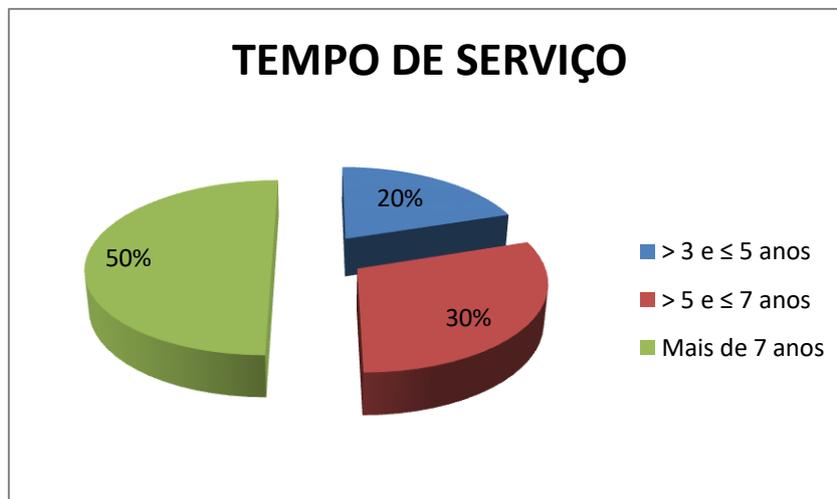
A respeito da categoria cor/raça do grupo, 60% das entrevistadas se reconheceram como parda.

Gráfico 3: Raça/cor

Fonte: Elaboração da autora.

Sobre a experiência com serviços sexuais a metade das prostitutas tem mais de sete anos de batalha.

Gráfico 4: Tempo de serviço como profissional do sexo



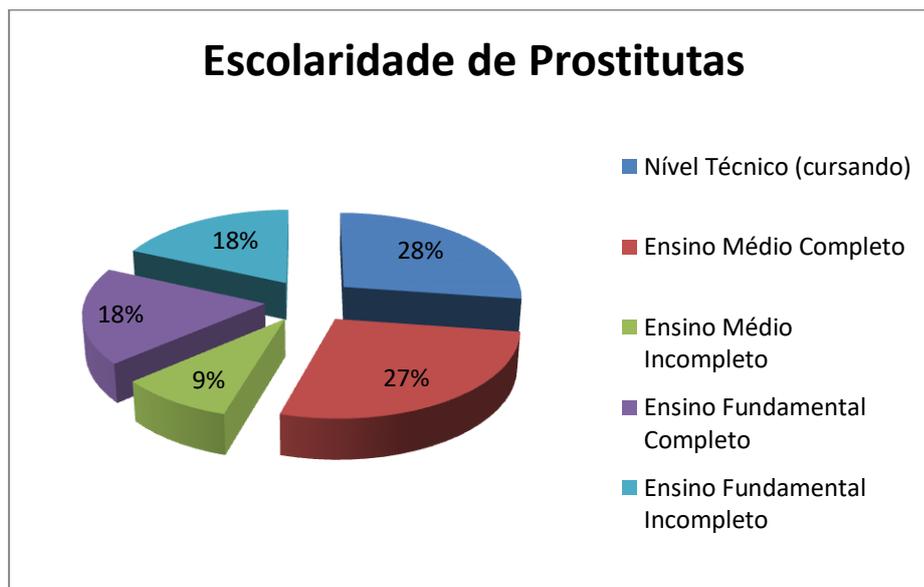
Fonte: Elaboração da autora.

5. ESCOLARIDADE DAS PROSTITUTAS

Ao tentar compreender a situação de escolaridade das garotas verifica-se que a maioria, 55% das que responderam ao questionário conseguiram concluir o ensino médio, enquanto que 18% não concluíram o ensino fundamental.

Uma delas, que em 2012 fazia um curso técnico na área de administração, tinha a pretensão de com essa formação continuar na prostituição, mas em uma função superior e em 2016 alcançou seu objetivo. Muitas meninas demonstraram interesse em ter seu próprio cabaré.

Gráfico 5: Escolaridade das prostitutas



Fonte: Elaboração da autora

Uma dentre as que terminaram o ensino médio, já trabalhou em outras áreas, com vendas, como camareira e como empregada doméstica. Pensa em mudar de ramo, mas não encontra trabalho com a carga horária e renda compatíveis com o atual.

Das que concluíram o ensino médio, uma está fazendo cursinho preparatório para vestibular e Enem. Pretende fazer faculdade.

Vale ressaltar que a faixa etária das meninas que não completaram o Ensino Fundamental é de acima de 30 anos, assim como as que estão fazendo curso técnico e pré-vestibular. As com ensino médio completo são jovens de idade entre 23 e 27 anos.

Duas garotas não terminaram o ensino fundamental. Duas não conseguiram concluir o ensino médio, apenas o fundamental. Uma não terminou o ensino médio. Três garotas disseram ter concluído o ensino médio, em escola pública. Três fazem algum curso de nível técnico (1 em radiologia, 1 em administração, e 1 curso técnico em enfermagem)

6. MUITO PRAZER! : CONHECENDO AS PROTAGONISTAS

Durante os anos de 2012 a 2016, visitou-se frequentemente esses territórios de prazer, observando o perfil das garotas e quatro foram selecionadas: Anne, Letícia, Jully e Betina ¹⁰.

Os critérios de escolha foram: o tempo na atividade (mais de 03 anos na prostituição); o compromisso com o trabalho (meninas que frequentam as casas de prostituição no mínimo quatro vezes por semana); procura dos clientes (as mais requisitadas) e por fim, que quisessem contar suas histórias para serem publicadas.

A primeira, conhecida desde a época do mestrado, aceitou contar a sua história de vida. É sempre muito receptiva.

“Minha história dá um livro”.

A segunda também se prontificou a participar do trabalho.

“Quando era pequena eu queria ser escritora. Queria escrever a história da minha vida. Queria ser escritora e acabei virando puta (risos). Eu quero contar a minha história. Ela é tão triste! As pessoas falam que a nossa vida é fácil, mas não é. É muito difícil.”

Jully e Betina também aceitaram prontamente o convite de colaborar com a pesquisa falando sobre suas experiências e perspectivas.

A partir disso, têm-se quatro histórias para contar. Histórias de muitos amores, de muitas dores e de muitas saberes de bordéis, assim como fora deles. As participantes da pesquisa são experientes e suas histórias podem contribuir para profundas reflexões sobre o mundo do meretrício.

¹⁰ Nomes fictícios.

6.1. Anne



Figura 7: Garota de Programa¹¹

O contato com Anne já havia desde 2009, durante a pesquisa de mestrado uma garota na qual se pode acompanhar sua trajetória profissional durante os últimos 07 anos.

Ela é cearense, tem 38 anos e mora com a família, embora algumas vezes precise passar temporadas em outros municípios. Ela tem 04 filhos, e a mais nova estuda em escola particular, ela faz questão de investir na educação dos filhos. A família é sustentada com dinheiro que recebe pelo seu trabalho com programas e shows.

Ela trabalha nesse meio desde adolescente. Lembrando-se do início na prostituição, revela:

¹¹ Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=125603710888353&set=pb.100003161738036.-2207520000.1468398016.&type=3&theater>. Acesso em 05/07/2016.

Comecei a me prostituir em 1992, com 15 anos de idade. Eu fugia da aula pra fazer programa. A cafetina me escondia no bar. Ela tinha a proteção da polícia. Ela conseguia os clientes e ficava com a maior parte do dinheiro. Com ela eu aprendi a beber, a fumar maconha e a cheirar cocaína. Acabei me viciando em cocaína. Hoje consegui deixar o vício. Participo do grupo dos Narcóticos Anônimos.

Ela já trabalhou em muitas casas de massagem e boates. Devido ao seu longo tempo no meretrício, ela tem uma rede de contatos muito extensa de clientes, colegas de profissão, donos de cabarés e outros envolvidos nesse universo.

Quando o movimento no mercado do sexo em Fortaleza está fraco, ela viaja para outras cidades como Mossoró e Sobral. Observou-se que viagens ocorreram com mais intensidade entre os anos de 2012 a 2014. Nesse período o contato com Anne foi bem difícil, pois sempre que tentava marcar um encontro ela estava fora da capital cearense.

Sobre sua vida escolar, ela conta que concluiu o ensino médio em escola pública.

Quando estava terminando os estudos comecei a fazer programa. Eu até ia pra escola, mas não queria muito saber de estudar. Eu gostava muito de festa.

Quando já estava trabalhando na zona, ela teve condições de iniciar um curso técnico em administração, com o intuito de abrir seu próprio bordel e administrá-lo da melhor forma. Registrou-se esse interesse no ano de 2010.

Estou estudando. Estou fazendo um curso de administração pra abrir minha própria casa e fazer tudo do meu jeito. Eu já trabalho há muito tempo nisso. Aprendi muita coisa. Já está na hora.

Embora tenha dado essa declaração, em outro momento Anne disse ter outro projeto,

Meu sonho é fazer faculdade de Psicologia. Quero ser psicóloga.

O mesmo sonho que Raquel, mais conhecida como Bruna Surfistinha.

Seus filhos estudam em escola pública e ela se preocupa muito com a educação deles. Está sempre presente nas reuniões e nas atividades festivas da escola. Faz questão de acompanhar o desempenho escolar de cada um. Dá bronca quando precisa.

Eu cobro mesmo. Criança tem que estudar. A obrigação deles é estudar. Eu trabalho, faço o que posso, dou tudo que eles precisam.

Sua família sabe que ela se prostitui, ela contou, mas no início fazia escondido. O tempo foi passando e ela dizia que era dançarina, por isso trabalhava a noite, levava

roupas e maquiagens na mala. Não contava maiores detalhes e ninguém perguntava desde que ela levasse dinheiro para casa.

A vida sexual de Anne começou muito cedo. Seus primeiros relacionamentos sexuais foram com homens. Em 2010, Anne se apresentou como heterossexual, em 2013 ela afirma que prefere relações com mulheres, embora a maior parte dos programas seja com homens. Nesse período, ela assumiu relacionamentos com mulheres.

Sua família e amigos já sabem que ela é bissexual.

Ela revela que às vezes se envolve com colegas do meretrício. Durante o trabalho elas fazem programas com homens, mas durante as folgas e/ou depois do expediente se encontram para namorar. Essas meninas tem uma relação muito íntima, acontece de o que cliente querer fazer programa com duas ao mesmo tempo. São as possibilidades que o trabalho oferece, mas cabe a cada garota aceitar ou não o programa.

Em 2015, ela abriu uma casa de prostituição no município de Aracati (CE) e passou um ano administrando. Foi outra época que foi difícil encontra-la em Fortaleza.

Já em 2016, retornou à Fortaleza como gerente de uma nova casa, situada no Centro da cidade, aos fins de semana. Devido à atual função, Anne conseguiu reduzir sua carga horária, reduziu o número de programas e tem mais tempo para estar com sua família.

6.2. Letícia



Figura 8: Garota de Programa¹²

Essa é Letícia, prostituta negra, tem 37 anos e faz programa há 06. Já morou na Itália, onde também se prostituiu.

Como outras, entrou no mundo da prostituição por intermédio de uma amiga, que hoje trabalha em São Paulo, como prostituta.

Uma amiga me chamou pra morar em Fortaleza, aí fomos morar na Praia de Iracema. Eu comecei a fazer programas nas ruas, depois em boates de gringos, mas eu não gostei, eu era muito maltratada, os gringos eram chatos, mal educados, e lá as meninas partem mesmo pra cima deles.

¹² Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=508423799239109&set=pb.100002144793098.-2207520000.1384915256.&type=3&theater>. Acesso em 22/07/2013.

Letícia relata que foi vítima de violência ao fazer programa com estrangeiros. Embora possa cobrar um valor mais alto pelo programa, ela prefere um ambiente em que possa trabalhar tranquilamente.

Eu não gosto de fazer programa com gringo. Eles acham que podem fazer tudo com a gente porque tão pagando. Eu já cheguei a chorar no quarto durante o programa. Eu prefiro os brasileiros.

No Gata Garota, lugar onde conheci Letícia, as meninas desfilam pelo salão, esperando que os clientes as chamem. As mais ousadas se dirigem até às mesas onde estão os clientes, oferecendo seus serviços.

Descontente com o tratamento recebido nas boates da Praia de Iracema, resolveu conhecer o Gata Garota, que a amiga também frequentava. Ela gostou e começou a fazer programa lá. Foi lá que começou a fazer strip-tease.

Quando cheguei aqui vi logo uma garota nua no colo de um homem, fiquei assustada! Aos poucos fui aprendendo a dançar. Já dançava É o tchan. Aí me acostumei.

O show de Letícia é um dos melhores da casa. Ela faz movimentos de pole dance, não é só strip-tease. Faz programas com homens e com mulheres.

Faço com mulheres também, mas prefiro com homem.

Durante o expediente, bebe e fuma.

Em 2013 Letícia morava em um apartamento, sozinha.

Ela tem 02 filhos, um de 12 anos e outro de 15. Eles não moram em Fortaleza, vivem em Belém do Pará, cidade natal dela, com os avós.

Meus filhos estudaram uma parte em escola particular, mas agora estão em escola pública, mas a gente já se arrependeu por causa da greve, eles estão sem estudar. Estamos até pensando em mudar eles de colégio.

A declaração de Letícia mostra uma prostituta preocupada com a educação de seus filhos.

Ela estudou até a 7ª série, atual 8º ano do Ensino Fundamental, mas espera que seus filhos concluam os estudos e sonha em vê-los numa faculdade.

O mais velho está fazendo curso de computador e pretende fazer faculdade.

Ela conta que sua infância foi difícil. Sua família enfrentou grande dificuldade para criá-la. Estudar não era prioridade, pois ela precisava trabalhar para ajudar os pais.

Comecei trabalhando em casa de família, fazia faxina. Já trabalhei em restaurante como garçoneiro. Eu acho muito bonito quem estuda. Se eu tivesse tido chance de estudar, mas eu tive que parar.

Letícia ajuda no sustento da família.

Todos os meses mando dinheiro pra eles.

Sua família toda é Pentecostal e quando ela os visita também frequenta a igreja.

A minha família toda sabe, meus filhos sabem. Eu não escondo nada deles.

Com o dinheiro dos programas, ela conseguiu comprar uma casa com um ponto comercial, vizinho à casa de seus pais. Ela planeja sair da prostituição, mas precisa guardar um dinheiro para montar o seu próprio negócio.

O bom é que eu posso comprar as coisas à vista. Eu compro TV à vista, sofá à vista, tudo que eu compro é à vista.

Sobre o seu futuro ela revela o que pensa:

Eu penso em vender roupas. Não penso em fazer faculdade não, nem ensino médio, mas eu gostaria de terminar o ensino fundamental.

No ano de 2014, Letícia voltou à sua cidade natal, conforme o planejado. Ficou um ano por lá, vivendo com o dinheiro conquistado com os programas. Abriu sua loja de roupas. Frequentou os cultos da igreja Pentecostal. Cuidou dos filhos mais de perto. Suas economias foram acabando. Suas vendas não permitiam ter o mesmo padrão de vida que levava aqui. Diante de uma situação na qual ela não estava mais habituada a enfrentar, resolveu voltar à Fortaleza para fazer programas.

Voltou a frequentar as boates de antes. Retomou contato com os clientes antigos.

Em um desses programas, se envolveu com um cliente para além das boates. Assumiram um relacionamento. Ele propôs casamento e a tirou da vida. Atualmente ela está casada e não faz programas.

6.3. Jully



Figura 9: Garota de Programa¹³

Jully tem 32 anos de idade e há 8 anos faz programa.

Tem 3 filhos. Engravidou do primeiro aos 16 anos. Mora com a mãe e sua mãe sabe com o que ela trabalha, mas seus filhos não. Com o dinheiro do seu trabalho, ela paga escola particular para os filhos, com a ajuda do pai. O mais velho já está concluindo o ensino médio.

¹³Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=761076727354259&set=a.128025323992739.2120.0.100003558157325&type=3&theater> . Acesso em 05/07/2016.

Eu tenho 3 meninos, dois de um pai e um de outro. O pai dos dois ajuda. Dá tudo pra eles, mas o pai da mais não dá nada agora ele tá proibido de chegar perto da menina.

Concluiu o ensino fundamental II em escola pública. Chegou a se matricular várias vezes em supletivo para cursar o ensino médio, mas em nenhuma das vezes conseguiu concluir. Ela ainda tem vontade de estudar, mas sem pretensões de curso técnico ou superior.

Eu queria terminar só pra ter o diploma mesmo, mas não penso em fazer outros cursos, não. Eu já comecei várias vezes o supletivo, mas não deu certo continuar. Mas eu ainda quero terminar.

Sobre seu início no meretrício ela disse que foi uma amiga quem a levou à primeira casa de massagem.

Falando sobre suas perspectivas de futuro, ela comenta que pretende abrir uma loja de roupas. Primeiramente ela comprou uma casa, um transporte e a próxima meta é abrir seu próprio negócio no ramo de confecção.

Eu quero abrir uma loja de roupas pra sair daqui. Eu já consegui muita coisa com o dinheiro que ganhei com os programas. Tenho casa própria. Comprei um transporte. Mas eu não venho com ele pra cá, tenho medo. Sempre volto de mototaxi. Aí eu quero abrir uma lojinha depois.

6.4. Betina



Figura 10: Garota de Programa¹⁴

Betina tem 27 anos. Está na prostituição há 04 anos.

Sua mãe não sabe que ela faz programa. Ela não tem filhos.

Concluiu o ensino médio também em escola pública e pretende fazer curso superior em nutrição daqui a alguns anos. Roberta conta que sempre gostou dessa área desde criança. Frequenta academia há bastante tempo e já injetou hormônio caprino nos glúteos para aumentá-los.

Começou a fazer programas numa casa de massagem no bairro Benfica. Estava precisando de dinheiro e foi sozinha. Antes de iniciar, Roberta trabalhava como babá, mas o dinheiro era pouco.

Sobre sua iniciação ela diz:

¹⁴ Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=953721734743484&set=pb.100003170000744.-2207520000.1468398249.&type=3&theater> . Acesso em 05/07/2016.

No primeiro dia eu cheguei lá pra saber como era, perguntei à um senhor que estava na rua onde ficava o endereço, ele soube logo do que se tratava e apontou rapidamente. Fiquei envergonhada. As outras meninas da casa e olharam da cabeça aos pés. Eu lembro que fui de calça jeans. Logo um cliente me chamou para sentar numa mesa que estavam. Eu não queria ir, fiz com a cabeça que não ia, aí as outras meninas também me chamaram, foi aí que eu tive coragem de ir. Ali foi meu primeiro programa. Eu falei para dona da casa que ia visitar outras para escolher depois, ela disse: minha filha fique por aqui mesmo, você vai gostar. Aí eu fiquei.

Ela teve relações com ex-presidiários e lembrou:

Eu já me envolvi com um presidiário. Tinha acabado de ser solto. Ele veio aqui e me deu muito trabalho.

Ela comentou que estava com um odor desagradável e as partes íntimas não higienizadas.

Também já fui fazer programa em presídios.

Lá ela conheceu também um agente penitenciário com o qual começou um relacionamento sério. Esse homem passou a persegui-la e tentou matá-la várias vezes. Os seguranças das boates eram instruídos a não permitirem a entrada desse sujeito.

Sobre o último relacionamento, Betina declarou:

Eu conheci um cara fora daqui. Comecei a gostar dele, contei que eu era de programa, o levei para casa, apresentei à minha família, parei de fazer programa e passei a ir pra igreja. Esperava que ele fizesse o mesmo, mas o tempo passava e nada dele me levar, eu vivia cobrando e ele só enrolava, até que um dia ele mostrou uma foto minha para um amigo dele, esse amigo dele já tinha me visto na boate, aí disse pra ele o que eu fazia, mas ele já sabia por que eu tinha contado. Aí depois disso ele se afastou de mim e disse que não tinha condições de me assumir como namorada pra família nem pros amigos dele. Eu disse: meu filho então vá viver sua vida e não venha mais na minha casa, porque assumir garota de programa não é pra qualquer um não, se quiser sair comigo vai ser pra motel. Ele vive me ligando, mas eu resolvi voltar porque esperei demais para ele se resolver.

As drogas adentram facilmente os espaços de prazer, sobre essa questão ela disse:

Eu já usei algumas vezes mas não me viciiei. Mas a gente pega muito cliente que usa. Só bebo um pouco quando estou trabalhando

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Voltar à zona me proporcionou reencontros e lembranças. Ao me sentir mais segura nesse território, foi possível transitar com menos precipitação. Com um olhar mais atento, pude perceber mais detalhes.

As prostitutas que participaram desse estudo se destacam pelo modo de se vestir, de caminhar, pelo cheiro deixado no salão ao se apresentarem, pelas músicas escolhidas durante um show, pela sensualidade ao dançar, pela ousadia, pela coragem.

São mulheres fortes que batalham para oferecer uma condição de vida melhor para sua família, expondo-se à violência física e emocional que a atividade envolve. Embora o ambiente desses cines e boates seja festivo, com bebidas, músicas, animação, sedução, dinheiro, drogas, dentre outros, não se pode deixar de considerar os riscos ao se entrar num quarto com um desconhecido.

Partindo dessa realidade, buscou-se verificar a situação de escolaridade das mulheres que se prostituem na zona de baixo meretrício de Fortaleza. Percebeu-se que todas elas frequentaram escolas públicas durante os últimos anos de estudo e mais da metade delas concluiu o ensino médio. Algumas até ingressaram em cursos de nível técnico. Não houve registro de universitárias nesse estudo.

Iniciaram na atividade não por necessidade, tampouco a única opção. Tinham alternativas e continuam tendo. Poderiam ter outra profissão. Algumas até tiveram, mas foi no meretrício que suas expectativas financeiras foram alcançadas. Elas estão na zona porque querem. A prostituição cresce no Centro de Fortaleza porque as meninas gostam de estar ali por algum motivo, seja pela aventura, pelas noitadas, pelo sexo, pelas drogas, pelo álcool, pelo dinheiro ou por tudo isso.

A prostituta vende sua força de trabalho. Seu instrumento de trabalho é seu corpo. Trabalha para suprir suas necessidades básicas de alimentação, moradia e lazer. Realmente não é tão distante da realidade de outros grupos de profissionais. A grande questão vem da vulnerabilidade que esse grupo enfrenta durante o meretrício e até quando sai dele.

São poucas as exigências para entrar na zona. São muitas as atribuições de uma prostituta. Entrar parece fácil. Permanecer parece difícil. Sair seria um desafio.

Entre idas e vindas ao mundo da prostituição, as garotas de programa que participaram da pesquisa são bastante experientes na zona e disseram ter melhorado a

qualidade de vida das suas famílias através de seu trabalho. Orgulhosas, relatam suas conquistas materiais.

Cheias de sonhos, elas planejam um futuro longe da prostituição, ainda que ocorra de saírem e acharem que não tem volta, diante de dificuldades financeiras não hesitam em retornar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAD, Shara Jane Holanda Costa e VASCONCELOS, José Gerardo. Entre o Corpo do Pesquisador e a Invenção da Ciência: Um outro Pensar sobre a Pesquisa. In. ADAD, S.J.H.C et alli. **Entre Linguas: Movimento e Mistura de Saberes**. Fortaleza: EUFC, 2008. PP. 215 – 224. (Coleção Diálogos Intempestivos).

ADLER, Laure. **Os bordéis franceses (1830/1930)**. São Paulo: companhia das Letras/ Círculo do livro, 1991.

ANJOS JÚNIOR, Carlos Silveira. **A serpente domada: um estudo sobre a prostituição de baixo meretrício**. Fortaleza, UFC, 1983.

BACELAR, Jeferson. A. **A Família da Prostituta**. Ensaio 87. SP, Ática e Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1982.

BARROS, Lúcio Alves de. **Mariposas que trabalham. Uma etnografia da prostituição feminina na região central de Belo Horizonte**. Jus Navigandi, Teresina, ano 9, n. 827, 8 out. 2005. Disponível em: <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=7356>. Acesso em: 26 out. 2006.

BRANDÃO, C. Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Abril Cultura. Brasiliense, 1985.

COSTA, V, L, P. [Online] **Função Social da Escola**. 2000. Disponível em: < http://www.drearaguaina.com.br/projetos/funcao_social_escola.pdf>.

CECARELLI, Paulo Roberto. **Prostituição – Corpo como mercadoria** in: *Mente & Cérebro – Sexo*, v. 4 (edição especial), dez. 2008

CHAUÍ, M. **Repressão Sexual: esta nossa desconhecida**. São Paulo, Brasiliense, 1988.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. 11ª ed. – São Paulo: Melhoramentos; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.

FÁBREGAS – Martínez, Ana Isabel. **Na Batalha: sexualidade identidade e poder no universo da prostituição**. Porto Alegre: Dacasa: Palmarica, 2000. 100p.

FOUCAULT, Michel. Poder – Corpo. In. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

_____. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988.

_____. **História da Sexualidade 2: O uso dos prazeres**, Rio de Janeiro, Graal, 1994.

_____. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. 10ª ed. Petrópolis, Vozes, 1977.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada**. 4ª. edição. Rio de Janeiro, RJ. Editora Guanabara, 1988.

GUEDES, Mardônio. **Pelas ruas e pensões: o meretrício em Fortaleza (1930 – 1940)**. In. Gênero. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. (coleção fortaleza: história e cotidiano).

LEITE, Gabriela. **Filha, mãe, avó e puta**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA J. F.; TOSCHI M. S.; **Educação escolar: políticas estrutura e organização**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção Docência em Formação)

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental – Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Coleção Os Pensadores).

MANGUENEAU, Dominique. **O Discurso pornográfico**. São Paulo: Parábola Editora, 2010.

MORAES, Aparecida Fonseca. **Mulheres da Vila: prostituição, identidade social e movimento associativo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. 287p.

RAGO, Luzia M. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**, Rio de Janeiro: Ed Paz e Terra, 1991.

_____. **Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890 -1930.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

ROBERTS, Nickie. **As Prostitutas na História.** Rio de Janeiro, RJ. Editora Rosa dos Tempos, 1998.

SANTOS, V. G. **Prostitutas mães e a Educação de seus Filhos: Corpo, Cena e Discurso no Centro de Fortaleza – CE.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará, 2011.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres.** Campinas, SP. Autores associados, 1996.

SILVEIRA, S. C. **A família é para todos? A perspectiva de meninos institucionalizados.** In: WAGNER, A. (Coord.). *A família em cena: Tramas, Dramas e Transformações.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. P.54 -74.

SIMON, C. P. **Prostituição Juvenil Feminina: uma abordagem compreensiva.** 1999. 205p. Dissertação de Mestrado (Psicologia). Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto – SP.

SOUSA, Francisca Ilmar de. **A Função social da prostituta.** In. *Revista Educação em Debate.* Ano 17/18, nos 29, 30, 31 e 32. p. 65-83, 1995.

_____. **O Cliente: o outro lado da prostituição.** Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto/São Paulo: Anablume, 2000.

_____. **Experiências masculinas e femininas nos territórios da sexualidade: permanências e mudanças.** 2004. 354p. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PERRENOUD, Philippe. **Escola e Cidadania: o papel da escola na formação para a democracia.** (trad. Fátima Murad). Porto Alegre: Artmed, 2005

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TIRADENTES, Oscar. **Fatores determinantes da delinquência feminina.** Editora Rio. Rio de Janeiro, RJ, 1978.

VASCONCELOS, José Gerardo. **Território do Prazer, Moral e Prostituição.** In.
VASCONCELOS, J.G. et alli. Lápis, Agulhas e Amores. Fortaleza: EUFC, 2010. pp.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO

NOME:

IDADE:

LOCAL DE NASCIMENTO:

ESCOLARIDADE

() Ensino Fundamental Incompleto () Ensino Fundamental Completo

() Ensino Médio Incompleto () Ensino Médio Completo

() Curso técnico. Área? _____

Curso Superior () Incompleto () Completo

NÚMERO DE FILHOS:

HÁ QUANTO TEMPO FAZ PROGRAMA:

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS APLICADAS

Após conhecer seu grau de escolaridade e tempo na profissão, elaborou-se um roteiro para as entrevistas, que foram feitas em diferentes momentos de acordo com a disponibilidade das meninas.

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Quando você começou a fazer programa?
 Em quais locais de prostituição você já trabalhou?
 Qual a sua jornada de trabalho?
 Qual a sua rotina de trabalho?

TRAJETÓRIA DE VIDA ESTUDANTIL

Como é/foi sua relação com os estudos?
 Quais espaços de educação formal você frequentou?

VIDA FAMILIAR

Como é/foi sua relação com a família?

RELAÇÕES AMOROSAS

Como foram/são suas experiências amorosas fora da prostituição?

EXPERIÊNCIAS SEXUAIS

Quando iniciou sua vida sexual?
 Quais as experiências de violência sexual vividas por vocês dentro/fora da prostituição?
 Quais as experiências sexuais marcantes em sua vida? Por quê?

RELAÇÕES COM DROGA(S) E ÁLCOOL

Qual a sua relação com drogas? E com bebidas alcólicas?

SOBRE A PROFISSÃO

Como é sua relação com as outras garotas da casa?
 Como você prepara as performances?
 O que você considera bom na profissão? E o que tem de ruim?